

Editorial

A Criação de Animais nas cidades e em seus arredores

Hans Schiere

Azage Tegegne

René van Veenhuizen

As



Criação de cobaias (porquinhos-da-índia) em Lima, Peru

pedras que pavimentam as antigas vias da cidade de Pompéia, perto de Roma, estão marcadas pelas rodas dos carros puxados por cavalos ou bois, e utilizados para carregar mercadoria ou abastecer as tropas militares. A ponte coberta de Florença é atualmente ocupada por ourives e joalheiros, que substituíram os açougueiros e peixeiros que ali trabalhavam até que uma grã-duquesa Medici reclamou dos cheiros desagradáveis (A. Scappini, comunicação pessoal, 2000).

A criação de animais em zonas urbanas tem existido sob muitas formas em muitos lugares. Na atualidade ela ainda é praticada e poderia mesmo ser intensificada se considerarmos seus variados papéis: o uso de áreas baldias, o aproveitamento do lixo, o fornecimento de alimentos frescos e o rendimento econômico. Porém os exemplos da antiga Itália ilustram vários aspectos importantes do controvertido papel da criação de animais em ambientes urbanos:

- A criação de gado nas cidades não é um fenômeno novo;
- A criação de animais em zonas urbanas acontece em todo o mundo, não estando limitada aos trópicos;
- A criação de animais nas cidades pode ser um desafio inevitável, com aspectos positivos e negativos;
- Os elaboradores de políticas, como a grã-duquesa Medici, têm percepções diferentes, sobre a criação de animais nas zonas urbanas, daquelas das pessoas comuns que desejam viver dessa atividade.

A criação urbana de animais apresenta realmente problemas e oportunidades, analisados nesta edição da Revista de Agricultura Urbana, que contém artigos e contribuições resumidas sobre casos particulares que vão bem além da mera observação geral de que a criação de animais pode ser importante.

As contribuições descrevem como diferentes cidades e pessoas enfrentam problemas que às vezes são causados pelos animais, e que, outras vezes, podem ser solucionados pelos animais. A primeira parte desse editorial apresenta os diferentes pontos de vista sobre a criação de animais em zonas urbanas, provenientes dos diversos atores envolvidos no tema. A segunda parte discute as funções, problemas e motivos para se criar gado em cidades, e a terceira parte sugere formas para classificar os sistemas de criação de animais em áreas urbanas.

Desse modo ficará demonstrado que a criação urbana de animais - particularmente a produção de animais em pequena escala - tem um papel essencial - ainda que especificamente localizado - na produção de alimentos e no ambiente social. Além disso, os animais não são sempre ou apenas causadores de poluição - eles também podem ajudar a limpar a cidade.

A última parte trata de pontos voltados para aumentar a compreensão, por parte dos elaboradores de políticas públicas, do que representa a criação de animais em zonas urbanas.

Os atores e suas percepções

O grande interesse na criação de animais em zonas urbanas torna-se evidente se considerarmos os diversos programas, redes e projetos hoje existentes no mundo, envolvendo essa atividade, e ao lermos os depoimentos dos autores reunidos neste número da Revista. A agricultura urbana e um de seus componentes, a criação de animais, sempre estiveram presentes nas cidades; porém só agora estão sendo percebidos pelos planejadores e governantes das cidades, que sempre negligenciaram esse setor do desenvolvimento urbano.

A contribuição de Emil Arias ilustra, por exemplo, como os estudantes tendem a ver a importância da criação de animais em zonas urbanas. Os animais não só causam incômodos, pelo mau cheiro, o risco de doenças, a contaminação das águas e as disputas entre vizinhos que se originam por sua causa. Os animais também são uma fonte de renda, proporcionam alimento e serviços, reciclam os desperdícios orgânicos (como fica demonstrado no artigo sobre Montevideu) e são parte de sistemas sociais que só são percebidos por quem está intimamente ligados a eles.

Qualquer categorização da literatura com respeito aos sub-setores da criação de animais em zonas urbanas será incompleta já que a forma pela qual os envolvidos, os pesquisadores e os formuladores de políticas vêem essa atividade difere consideravelmente, quase nunca alcançando uma compreensão abrangente.

Podemos começar considerando o primeiro nível de envolvidos, ou seja, quem está diretamente envolvido com a atividade, ou sofrendo diretamente seu impacto. Esse nível pode ser representado, por exemplo, por alguém, residente na cidade ou em sua periferia, que possua uma carroça de tração animal. Essa pessoa depende economicamente desse recurso e resiste a deixá-lo. A mesma situação vive o dono de uma pequena leiteria/

vacaria em um bairro da cidade. Ao mesmo tempo, encontramos a mãe de um menino com roupas sujas devido ao estrume animal, ou um pai que se incomoda porque a cabra do vizinho destruiu sua horta. Já foram escritos muitos informes sobre essas preocupações no "nível familiar". Voltadas para esse nível de envolvidos, têm sido lançadas muitas publicações práticas sobre como criar pequenos animais "no quintal dos fundos" das casas.

Um segundo nível de envolvidos é representado pelos administradores municipais, que não têm interesse direto na criação de animais mas que se preocupam com os problemas que ela cria na vizinhança, ou com os rendimentos que obtêm das multas cobradas pela posse ilegal de animais na cidade. Existem exceções a essa regra, por exemplo, os funcionários públicos de Dar-Es-Salaam são os principais fornecedores de leite na cidade. Muitos administradores tendem a considerar a criação de animais em áreas urbana como um sinal de atraso. Juntamente com muitos acadêmicos, eles tendem a ver apenas um aspecto da realidade, o de seu próprio setor, especialidade ou disciplina. (Ackoff, 1999). Os informes desses profissionais estão destinados, portanto, a só encontrar problemas naquilo que supostamente devem regular ou estudar.

Esta é uma razão importante que explica por que muitas vezes existe um tom pessimista nos informes oficiais sobre a criação de animais em áreas urbanas. (Wilson, 1995; Ho e Chan, 1998)

O terceiro nível de envolvidos está representado pelo planejador (nacional ou internacional) agrícola, preocupado com a produção de alimentos para "abastecer as multidões urbanas". Esses planejadores tendem a ressaltar que a criação de animais nas cidades e a própria agricultura urbana só produzem uma fração do que requer uma dieta adequada para as populações urbanas. Agem assim por que ignoram que a criação de animais em áreas urbanas pode cumprir muitas funções diferentes - além do abastecimento -, e que a tal "fração" pode ser "tudo" e fazer enorme diferença para certos grupos mais pobres. Esses planejadores representam os chamados pensadores lineares, que tendem a ver o interesse de só setor, por exemplo, a produção alimentícia (Wilson, 1995; Ho e Chan, 1998; Schiere, 2000).

Por outro lado os pensadores não lineares, que formam o quarto nível de envolvidos, procuram considerar todos os vários aspectos e interesses presentes. Nesse nível encontram-se muitos técnicos governamentais (normalmente pouco ouvidos) e ativistas de ONGs (atuando normalmente sem maior apoio).

As duas linhas de pensamento - linear e não-linear - não deveriam considerar-se concorrentes ou excludentes. Os "pensadores lineares", que buscam normas e soluções, podem complementar os "pensadores não lineares", que buscam enfoques e métodos flexíveis para trabalhar com realidades múltiplas.

A primeira e a segunda colunas da tabela 1 mostram as vantagens e desvantagens usualmente associadas à criação urbana de animais. Note-se que os vários envolvidos no assunto experimentam os prós e os contras de modo diferente. A terceira coluna mostra que, para muitas das desvantagens listadas na segunda coluna, existem soluções simples e acessíveis.

Tabela 1. Aspectos positivos e negativos da criação de animais em zonas urbana, com exemplos dos recursos que existem para solucionar os problemas.

Nota: Os aspectos positivos na coluna 1 não estão diretamente relacionados com os aspectos negativos na coluna 2; porém os aspectos negativos da coluna 2 estão diretamente relacionados às propostas de solução na coluna 3.

Aspectos positivos	Aspectos negativos	Estratégias e recursos para solução
A criação de animais facilita a limpeza de desperdícios originados em restaurantes, hotéis, comércio, indústria; e a utilização de águas servidas.	Problemas de saúde pública (por exemplo, doenças causadas por parasitas).	Serviços sanitários adequados e melhor tratamento-processamento dos produtos, inclusive na fase de comercialização.
Fonte de renda alternativa para os pobres.	Mau cheiro, poeira e barulho.	Uso de drenos, camas de palha, estábulos, cercas etc.
Auto-suficiência alimentar durante épocas de conflitos sociais.	Poluição (por causa do estrume e dos rejeitos, por exemplo, dos matadouros).	Produção de biogás e de adubos, oportunidades para pequenas empresas.
Produtos frescos sem necessidade de embalagem nem de empacotamento.	Competição e conflitos por causa de espaço.	Redução da escala com a criação de animais menores, participação da população local para resolver os problemas.
A produção local de produtos animais reduz a necessidade de transporte para trazê-los até os consumidores, resultando em economia de combustível e redução do tráfego urbano.	Animais desgarrados / problemas de trânsito.	Regras de trânsito: velocidade limite dos carros, os animais devem permanecer fora das vias principais.
Oportunidade de investimento produtivo.	Problemas de saúde dos animais criados em alta densidade.	Reorganizar o local da criação, melhorar o manejo, reduzir a escala.
Contribuição para a educação, por exemplo, demonstrando os vínculos entre as pessoas e a natureza.	Baixo rendimento por animal; não é uma forma de produção "moderna", avançada ou produtiva.	Ampliar a percepção para além do meramente "moderno", e incluir os muitos outros pontos de vista possíveis.

Razões a favor e contra a criação de animais em zonas urbanas

Na tabela acima estão listados os principais aspectos positivos e negativos da criação de animais em áreas urbanas. É interessante notar que existem argumentos para proibir a prática da criação de animais nas cidades devido à poluição que eles causam, ao mesmo tempo em que outros planejadores, como os de Montevideú, estão considerando o uso de

porcos para reduzir o volume do lixo orgânico gerado na cidade. Na cidade do México existem bairros onde se reciclam ativamente os desperdícios através de vacarias urbanas, e existem programas em Gana que promovem a reutilização sistemática do esterco dos currais (Drechsel e outros, nessa Revista). Esse tipo de planejamento urbano, que explora as complementaridades, e onde o resíduo de uma operação produtiva é o insumo de outra, recomenda que se mantenha alta a diversidade dessas operações produtivas, para que possa haver o máximo de complementaridade e reciclagem.

A redução da poluição por meio da diversidade produtiva e da reciclagem dos dejetos é um exemplo típico do pensamento criativo que transforma os problemas em oportunidades.

Critérios para distinguir os principais sistemas de criação de animais em zonas urbanas

É impossível traçar um esquema de classificação válido para todas situações. Entretanto, uma discussão efetiva dos prós e contras da criação urbana de animais requer que se faça algum tipo de classificação. Cidades como Bombaim e Dar-Es-Salaam são muito diferentes para serem colocadas em uma única e mesma categoria.

Mesmo assim pode-se dizer, com certo grau de certeza, que possuir vacas leiteiras é uma opção bastante irreal para o centro de Bombaim, Tóquio, São Paulo ou Amsterdam. Porém, a criação de animais é opção bastante razoável em áreas urbanas onde haja muito espaço verde, ou onde haja muitos subprodutos de agroindústrias. Por exemplo, as leiterias urbanas foram importantes ao redor das fábricas de cerveja do século 19 em Copenhagem (J. Phelan, comunicação pessoal, 1999), na periferia de Nova York, e atualmente na cidade de Dar Es Salaam, onde elas oferecem uma oportunidade de renda ao alcance de muitos. O amplo negócio da avicultura pode ser controvertido dentro dos limites da cidade, porém a criação de outros animais pequenos, como cobaias (porquinhos-da-índia), cabras ou aves engaioladas como codornas pode ajudar a reduzir ou eliminar o lixo orgânico das cozinhas domésticas, restaurantes, hotéis etc. (ver os artigos sobre Kumasi, em Gana, e Montevidéo, no Uruguai).

Realmente, é possível efetuar um número infinito de classificações; cada um deles com suas vantagens e desvantagens.

Por exemplo, Waters-Bayer (1995) distingue entre criações dentro e fora do lote e as praticadas por ricos e por pobres. Os artigos de Bellows e outros, e de Pantuliano sugerem que os antecedentes étnicos, a casta ou a religião podem formar as bases para classificar a criação de animais. Schiere (2000) distingue diversos critérios, entre os quais a classificação em três categorias - "subsistência em pequena escala"; "pequena escala semi-comercial"; e "grande escala industrializada" é talvez a mais relevante. Um exemplo de tipo padrão de classificação está no artigo que escrito por Azage e outros. De acordo com o enfoque participativo utilizado na maior parte do trabalho de RUAF, indicamos que qualquer sugestão para os critérios de classificação deve ser considerada apenas como um guia para se estabelecerem, localmente, caso a caso, quais os critérios realmente relevantes.

Para os propósitos dessa Revista, consideramos que o melhor é distinguir pelo menos

entre sistemas intensivos e sistemas extensivos, classificação que se assemelha à de Waters-Bayer (1995). Os intensivos tendem a ser mais industrializados, desfrutando privadamente das vantagens da atividade (faturamento, benefícios tributários etc) e "socializando" as desvantagens (mau cheiro, poluição sonora etc.) de suas operações produtivas. Seus consumidores também são principalmente aqueles que têm acesso ao mercado, e não os pobres que possuem uns poucos animais no quintal de sua casa para auto-consumo. Os sistemas extensivos caracterizam-se pela escala, menor, e podem ter fins comerciais, semi-comerciais ou exclusivamente de subsistência. Além da renda, a atividade também é importante para as relações sociais.

Opções e prioridades para o futuro

De acordo com uma corrente de analistas e planejadores, os animais são uma fonte de contaminação, uma ameaça à saúde pública, e limitada pelas condições urbanas de produção, que impedem alcançar uma produção capaz de alimentar todos os moradores da cidade. Porém muitos desses problemas são contrabalançados pelas vantagens que a atividade oferece. É por essas vantagens que a criação de animais em áreas urbanas continua existindo e se multiplicando. Essas discussões requerem uma diferenciação entre os quatro níveis de atores mencionados acima, pois a maneira de ver a criação de animais em zonas urbanas determina o resultado da análise. Quem segue o pensamento linear tende a recomendar a expulsão dos animais se eles cheiram mal, e tenderão a proibir qualquer tipo de criação mesmo que apenas alguns deles causem problemas. O pensamento não linear é mais criativo, já que diferencia entre os vários atores envolvidos, considera caso-a-caso os impactos de cada tipo de criação, avalia todas as funções dos animais e os contextos urbanos antes de decidir se a posse de quais animais nas cidades é boa, má ou se tem ambas características. Também convida ativamente, através da participação, a soluções locais para os problemas locais. Isso é talvez o ponto central desta edição da Revista de Agricultura Urbana: a decisão sobre os prós e os contras da criação de animais em zonas urbanas depende de quem veja o problema e em que posição se encontre. Em lugares onde os planejadores urbanos têm criatividade bastante para questionar as idéias preconcebidas, já ficou demonstrado que é possível fazer coisas interessantes utilizando-se os animais para o bem-estar urbano.

Pelo lado institucional, é necessário um grande esforço para (re)orientar os planejadores, os técnicos e funcionários do governo, e os acadêmicos na direção de enfoques mais criativos.

Há muito ainda para pesquisar sobre o papel da criação de animais em áreas urbanas nas dinâmicas sociais de uma comunidade local, o papel que desempenha nos setores mais pobres e entre as mulheres, em particular, bem como no que diz respeito à mudança do papel da criação de animais com o passar do tempo. Desenvolver iniciativas baseadas na participação local permite que um grande arsenal de tecnologias existentes possa ser usado para superar as desvantagens da criação de animais em zonas urbanas, e ajudá-la a realizar todo o seu potencial.

Referências

- Ackoff R.L., 1999. Disciplines, the two cultures and the scianities. Systems Research and

Behavioral Science, 16, 533-537.

- Ho, Y.W. and Chan, Y.K. (eds), 1998. Proceedings of the regional workshop on area-wide integration of croplivestock activities. June 18 – 20, 1998, Bangkok, Thailand. RAP-publication 1998/19. FAO Escritório Regional da FAO para a Ásia e o Pacífico.. Bangkok, Tailândia. 86 pp.
- Schiere, J.B., 2000. Peri-urban livestock systems. Problems approaches and opportunities. FAO, Roma; IAC, Wageningen.
- Waters-Bayer, A., 1995. Living with livestock in town: urban animal husbandry and human welfare. Texto apresentado na Oitava Conferência Internacional de Instituições de Medicina Veterinária Tropical - Criação de gado e doenças nos trópicos: a criação de gado e a saúde humana, 25 a 29 de setembro, Berlim, Alemanha, ETC Foundation, PO Box 64, 3830 AB Leusden, Holanda.
- Wilson, R.T. (ed.), 1995. Supply of livestock products to rapidly expanding urban populations. Relatório do simpósio promovido em conjunto pela FAO, WAAP e KSAS de 16 a 20 de maio de 1995 na Hoam Faculty Club, Universidade Nacional de Seoul, Seoul, Coréia. FAO-Roma. 224 pp.

[Sumario Revista No.2](#)